

Um psicólogo americano examina a tão falada «liberdade sexual» do seu país

Muito Sexo, Pouca Alegria

ROLLO MAY

NA ÉPOCA vitoriana, quando sexo não era assunto entre pessoas educadas, homens e mulheres conviviam como se não possuíssem órgãos sexuais. Mesmo o filósofo e psicólogo William James, em todos os demais setores um espírito evoluído para o seu tempo, encarava o sexo com elegante aversão. Nos dois volumes da sua obra *Princípios da Psicologia*, que marcou uma época, dedica pouco mais de uma página ao sexo, terminando por afirmar: «Êstes pormenores são um pouco desagradáveis.»

Claro que semelhante inibição não poderia ser saudável. Assim, concordamos com Sigmund Freud, um vitoriano que se debruçou sobre êstes problemas, quando aponta os sintomas neuróticos resultantes da supressão desta parte tão vital do corpo humano e da personalidade.

Mais tarde, na década de 1920, assistimos a uma mudança radical. Num período surpreendentemente curto logo após a Primeira Guerra

Mundial, para os americanos o sexo passou de algo inexistente a verdadeira obsessão. A expressão substituiu a repressão, tornando-se um dogma em círculos liberais, a ponto de se atribuir hoje ao sexo mais importância do que em qualquer outra sociedade desde a Roma antiga. Um marciano caído em Nova York teria a impressão de que os americanos não falam de outra coisa.

Em parte como resultado desta mudança radical, os médicos de nossos dias raramente encontram doentes que evidenciem recalques sexuais, como os pacientes de Freud, antes da Primeira Guerra Mundial. O que vêem é precisamente o contrário: muita conversa sobre sexo, muita atividade sexual e quase ninguém queixando-se de inibições de origem cultural. Os pacientes queixam-se é da falta de afetividade e paixão. «O curioso nesta agitação», comenta um especialista, «é como se *aproveita* pouco essa emancipação conseguida.» Tanto sexo e tão

pouco significado, tão pouco prazer!

Encontramo-nos assim face a um paradoxo da nossa liberdade sexual: o esclarecimento não solucionou os nossos problemas nesse campo. É certo que há resultados positivos importantes, principalmente no incremento da liberdade individual. Pode-se comprar livros sobre técnicas sexuais em qualquer livraria, o controle de natalidade tornou-se uma realidade, os casais podem discutir as suas relações sexuais sem sentimentos de culpa ou melindre e procurar dar-lhes mais significado. Êstes progressos não devem ser subestimados. A angústia e os sentimentos de culpa *exteriores* diminuíram.

Mas a angústia e a culpa *interiores* aumentaram, impondo, de certa maneira, uma carga maior ao indivíduo. O desafio que a mulher costumava enfrentar da parte do homem era simples e direto: «Acederá ou não?» — uma colocação objetiva do problema em relação à sua atitude diante das tradicionais imposições culturais. Mas a pergunta que o homem agora faz é: «Conseguirá ou não?» — o que transfere o desafio para a adequação pessoal da mulher. No passado, a mulher podia atribuir suas hesitações às restrições impostas pela sociedade, e assim proteger o seu amor-próprio. Mas, residindo a questão simplesmente na maneira de atuar, é a própria adequação pessoal que está sendo inevitavelmente questionada.

Um segundo paradoxo da liber-

dade sexual reside em que toda esta ênfase dada à *técnica* pode sair pela culatra; de fato, ternura e amor ocorrem na proporção inversa ao número de livros «técnicos» publicados.

Evidentemente que nada há de errado com a técnica em si, jogue-se golfe ou faça-se amor. Mas a demasiada importância que lhe é atribuída acaba por criar uma atitude mecanicista e a arte secular tende a ser substituída por contabilidade e tabelas de horários. Dispensou-me suficiente atenção durante a noite? Temos feito amor vezes suficientes nos últimos meses? Estamos atrasados? Como pode sobreviver a espontaneidade do mais espontâneo dos atos?

Nos tempos que correm, os próprios sexologistas, para quem quanto mais sexo melhor, franzem o sobrolho diante da angustiada obsessão em proporcionar e conseguir o prazer máximo, o de «satisfazer» o companheiro. Essas preocupações técnicas roubam ao ato a sua essência — o abandono espontâneo — e podem levar à alienação, despersonalização e solidão. Pois, quando se deixa de lado toda a conversa fiada sobre *performance*, o que verdadeiramente fica é a surpreendente importância da intimidade — o encontro, a crescente comunhão, a excitação de não se saber aonde conduzirá, a afirmação e entrega de si próprio.

Um terceiro paradoxo é que a nossa tão apregoada liberdade sexual se transformou em nada mais que

uma nova forma de puritanismo — que não deve ser confundido com o puritanismo original, legado dos nossos antepassados vitorianos. Pecado era ceder aos desejos sexuais; o puritano de hoje crê que pecado é não atingir expressão sexual *completa*. A tendência psicanalista para considerar o sexo como «necessidade» — no sentido de tensão a ser descarregada — leva a êsse puritanismo.

Esta mecanização do corpo significa, claro, que as pessoas devem não só entregar-se unicamente ao prazer sexual, como também evitar qualquer envolvimento passionai (que podia ser interpretado como cessão a uma exigência «doentia»). E aqui a ironia final: enquanto os vitorianos procuravam o amor evitando o sexo, o puritano de hoje procura o sexo evitando o amor!

Onde erramos? Por que fracassou a liberdade sexual? Talvez porque, na impetuosa corrida para o «esclarecimento», nos tenhamos esquecido do conceito de *eros*.

Diz-nos a primitiva mitologia grega que, quando o mundo era ainda vazio e despovoado, foi Eros quem insuflou o «espírito da vida» nas narinas das fôrmas de barro do

homem e da mulher. Desde então, «eros» significa dar vida, em contraste com sexo, que é descarga de tensão. A finalidade do sexo é o prazer; eros, por outro lado, é um desejo, uma ânsia, um desabrochar eterno.

E aqui reside o problema: anes-tesiando o sentimento para «atuar» melhor, recorrendo à sensualidade para calar a sensibilidade, separamos o sexo do amor. De fato, usamos o sexo para evitar a angústia emocional criada pelo amor.

Compreensivelmente, a experiência passional — o render-se a eros — é assustadora para alguns. Quando amamos, o mundo alarga-se; depa-ramos com regiões que nunca sonhamos existir. Seremos capazes de nos entregar àquele que amamos sem nos perdermos neste novo e estonteante horizonte?

É claro que sim. Uma verdade elementar da experiência humana é que o Amor nos leva a transcendermo-nos, a saltar barreiras para nos unirmos à pessoa em que descobrimos a nossa total realização. Eros — e não o sexo — é que nos dá a possibilidade de compreendermos o mais profundo significado do amor.



Rotina

AO ENTREVISTAR um homem para um emprêgo nos nossos escritórios, perguntei como se sentiria se tivesse uma mulher como chefe. Ele hesitou, depois sorriu e disse: «Bem, acho que me sentiria em casa.» — A. L.